

**9º Congresso de Pós-Graduação****LYGIA FAGUNDES TELLES E O FANTÁSTICO: UMA ANÁLISE DE "A CAÇADA" E "AS FORMIGAS"****Autor(es)**

RENAN FORNAZIERO DE OLIVEIRA

Orientador(es)

DANIELA MANTARRO CALLIPO

1. Introdução

A literatura fantástica, gênero que põe em cena o sobrenatural face ao cotidiano, ainda carece de definições, como diz Todorov (2008), ao afirmar que, ainda que pouco se saiba sobre o gênero em questão, é possível identificar traços definidores que permite ao leitor diferenciá-lo dos demais gêneros literários. Na literatura brasileira, o fantástico tem, até o Realismo, teve seu campo de atuação tolhido, como elucida Antonio Cândido (apud RODRIGUES, 2000) pois comprometeria a verossimilhança que o texto deveria apresentar. É a partir da segunda metade do século XX que o gênero ganha espaço na literatura brasileira, sob a pena de autores como Murilo Rubião, José J. Veiga e Lygia Fagundes Telles. Com este trabalho, pretende-se analisar como se configura a sugestão da presença do sobrenatural por meio do discurso literário, causando no leitor uma sensação de medo, pânico, mas sempre o fazendo hesitar, deixando-o em dúvida. Esse será um dos pilares do fantástico, a dúvida, a incerteza que, quando bem explorada, impede que cheguemos à uma conclusão, seja racional, seja de aceitação da subversão do real.

2. Objetivos

Pretende-se verificar a presença da literatura fantástica na literatura brasileira, observando como esta apropriou-se da tradição literária européia classificada como fantástica, e de que modo tais teorias foram ressignificadas em textos brasileiros contemporâneos. Além disso, queremos refletir sobre como o fantástico atua na cultura literária contemporânea, fato este que nos chama a atenção (nossa escolha se justifica por essa estrutura narrativa chamar a atenção de leitores de todas as faixas etárias e pelo fato de esse tipo peculiar de texto literário ser reaproveitado nas adaptações de outros veículos culturais de comunicação, como o cinema e a TV). Dessa forma, julgamos relevante uma compreensão mais apurada dos mecanismos narrativos (textuais, linguísticos e literários) que embasam esse tipo de texto, encantando um número considerável de leitores. Além disso, e sobretudo, esse tipo de estudo contribui para a valorização constante de uma memória literária nacional situada na contemporaneidade e herdeira de vozes existentes na tradição européia, principalmente oitocentista, expressa na narrativa feminina de Lygia Fagundes Telles.

3. Desenvolvimento

Para iniciar nossas discussões, primeiramente abordamos dois conceitos muito importantes: o de gênero literário e, mais especificamente, a questão dos gêneros do discurso. Desse modo, partimos das discussões sobre estes dois aspectos, e nos aprofundamos na noção de gênero literário, assim como Todorov (2008) postula, retomando os estudos de Northop Frye em sua *Anatomia da Crítica* (1954). Para nossas intenções, importam-nos mais as considerações feitas quanto à explicitação do gênero, suas origens e limites. Sendo assim, traçamos aqui um breve percurso histórico do vocábulo fantástico, cujas origens remontam ao século XIV. Seu nascimento se dá a partir do latim *phantasticus* e do grego *phantastikós*, assumindo diversas acepções no interior da língua e

da cultura, expresso pelo texto literário ao longo do tempo. Por sua vez, os estudos literários debruçam-se sobre tais sentidos, como veremos a seguir em Calasans (1988) e Malrieu (1992) (e como foi apropriado pelos estudos literários por meio da crítica.) Selma Rodrigues Calasans, em seu livro *O fantástico* (1988), nos traz um panorama dessas diversas tentativas que, segundo ela, podem ser agrupadas em dois grupos: o primeiro se incumbiria de reunir críticos que vêem o fantástico existente desde Homero e *As mil e uma noites*, cujos expoentes são Charles Nodier, Louis Vax, Jorge Luis Borges. Já o segundo grupo nega a existência do fantástico antes do século XVIII, considerando como obra inaugural do gênero *Le diable amoureux*, publicada em 1772 por Jacques Cazotte. Fazem parte deste grupo Jean Bellamin-Noël, Irène Bessière, Roger Caillois, Jacques Finné e Tzvetan Todorov, sendo este último um dos mais respeitados críticos da referida área de estudos. Todorov foi um dos grandes nomes que teorizou sobre o fantástico, tentando recuperar a referida área de estudo calcado em propostas já realizadas anteriormente. Destaca-se, ainda, por ter sido o primeiro a sistematizar o estudo do fantástico, até então pouco estudado. Para ele, o fantástico reside na hesitação de um leitor diante de acontecimentos insólitos, que vão contra a ordem do natural, fazendo com que a dúvida ante esses acontecimentos permaneça até o fim da narrativa. Em outras palavras, “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (TODOROV, 1970, p. 31). Uma das críticas mais severas que Todorov recebeu foi a de restringir muito o campo de atuação do fantástico. Quando um acontecimento sobrenatural é visto com naturalidade, deixa-se o fantástico, recaindo no maravilhoso; quando se dá uma explicação racional, o texto passa a ser visto como estranho. Apesar de haver um número sem fim de obras em que a ambigüidade permanece praticamente até o fim da narrativa, mesmo havendo a hesitação necessária para o fantástico, Todorov rotula como fantásticas um número muito menor de obras, já que a hesitação não é mantida até o fim. Calasans (1988) aponta uma falha neste ponto, afirmando que Todorov foi muito restritivo quanto à delimitação do gênero. Todorov vê, assim, o fantástico como produto de três fatores que, segundo ele, são indispensáveis para que se tenha uma obra deste gênero: a primeira faz referência à ambigüidade que a narrativa deve causar no leitor, fazendo-o titubear entre uma explicação sobrenatural e outra racional; a segunda diz respeito ao modo como essa dúvida é representada no texto, o que geralmente se configura no papel de uma personagem; a terceira trata do papel assumido pelo leitor implícito ante o texto, de modo que este recuse leituras que o levem para longe da atmosfera de dúvida e tensão provocada pelo texto. Após Todorov, diversos críticos se inclinaram para o fantástico, dedicando-lhe variados estudos. Entre esses críticos, destaca-se Irène Bessière que, em 1974, publica *Le récit fantastique: la poétique de l'incertain*, que em muitos aspectos se contrapõe às teorias de Todorov. Sua principal crítica é quanto à condição exigida por Todorov para a existência do fantástico: a hesitação do leitor. Bessière demonstra ao longo de seu estudo que o fantástico reside no texto em questão, e não no modo como este será lido pelo seu público. Contrapondo-se a Todorov também, que vê o fantástico como um gênero literário, Bessière nega esse postulado, vendo-o como uma característica inerente aos textos, como produto da imaginação. É nesse ponto que suscita a maior dúvida em relação ao fantástico: devemos estudá-lo de que maneira, como gênero literário, como um modo de se conseguir um texto que suscite medo e dúvida? Bessière foi muito incisiva ao criticar Todorov, afirmando que “o fantástico não resulta da hesitação entre a ordem do sobrenatural e do natural, mas da contradição e da recusa mútua e implícita entre elas.” (BESSIÈRE, 1974, p. 97). Mais do que uma contradição mútua e implícita, Bessière vê o fantástico mais além do que a simples hesitação do leitor, aumentando o seu campo de abrangência. É característica de obras fantásticas a constante ambigüidade, a dúvida, a contradição, fazendo com que os textos assim chamados sejam basicamente paradoxais, envolvendo o leitor, convidando-o para uma descoberta permeada por tramas e explicações insuficientes. Para demonstrarmos isso, escolhemos dois contos de Lygia Fagundes Telles nos quais o fantástico se revela muito patente, possibilitando variadas discussões.

4. Resultado e Discussão

No desenvolver de nossa pesquisa, notamos as nuances que o gênero fantástico possui segundo cada crítico estudado, sendo que a própria concepção do gênero é incerta, assim como sua materialização no discurso literário. Desse modo, verificados os pontos de contato, haja vista que, quando não se negam mutuamente, como em Todorov (1970) e Bessière (1974), se complementavam. Desse modo, propomos uma leitura dessas teorias e a verificação de sua ocorrência em dois contos da escritora Lygia Fagundes Telles, contos estes que figuram na coletânea *Mistérios*, cuja primeira edição é de 1981. A partir da análise dos contos à luz da teoria do fantástico, vê-se quão tênues são os limites entre real e sobrenatural, e como tais planos se imbricam no discurso literal, de modo a torná-lo essencialmente ambíguo, incerto, exigindo de seu leitor papel decisivo na construção do significado. No conto “A caçada”, de 1965, verificou-se que o fantástico se apresenta a partir da oposição loucura *versus* razão, ou seja, instaura-se a dúvida a partir do momento em que tais planos se opõem mutuamente, conforme elucida Bessière (1974). Já em “As formigas”, de 1977, há a sugestão da presença do elemento sobrenatural, não sendo está confirmada pelo narrador, o que induz o leitor a considerar tais acontecimentos estranhos passíveis de explicação racional ou sobrenatural. Sendo assim, verificamos como se dá a construção do fantástico nos contos de Lygia Fagundes Telles, e de que maneira é mantida a incerteza, a ambigüidade, sendo está condição necessária para este tipo de texto.

5. Considerações Finais

Após atentarmos para os teóricos que dedicaram variados estudos ao fantástico, notamos muitos pontos de contato, como também várias pontos de divergência, o que nos permite dizer que, assim como sua apresentação no plano do discurso, suas teorias são

também incertas, refutam muitas dúvidas, que é também condição necessária ao gênero. Quando a incerteza é dissolvida, deixa-se o campo do fantástico e passa-se a outros gêneros vizinhos, em que prevalecem ou a aceitação do sobrenatural ou a subversão da realidade.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BESSIÉRE, Irene. *Le récit fantastique: la poétique de l'incertain*. Paris: Larousse, 1974.

MALRIEU, Joël. *Le Fantastique*. Paris: Hachette, 1992.

RODRIGUES, Selma Calasas. *O Fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

RODRIGUES, Milton Hermes. *Ficção Fantástica no Brasil: do Romantismo ao Modernismo*. Assis: Tese (Doutorado em Letras), 2000.

TELLES, Lygia Fagundes. *Mistérios*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2008.